

Apontamentos de estudantes de educação física sobre gênero e prática profissional

Notes of physical education students on gender and professional practice

Célio Rosa Peres
Vagner Matias do Prado
Universidade de Uberlândia (UFU)
Uberlândia, MG-Brasil

Resumo

Este artigo teve como objetivo problematizar apontamentos de estudantes de Educação Física, de uma Instituição de Ensino Superior no Alto Paranaíba-MG, sobre gênero e prática profissional. A abordagem utilizada foi a de natureza qualitativa, com estudo de caso e a técnica de grupos focais. Os resultados demonstraram que durante a prática essas questões vêm à tona na relação entre eles/as, mas que não foram abordadas em seus processos formativos. Gênero é tratado como se fosse uma dimensão biológica dos corpos. Isso perpetua uma ideia naturalista da superioridade do homem em relação a mulher e da ideia de que a força física está relacionada a masculinidade. Ainda que mulheres que ingressam no curso de Educação Física não “são tão mulheres”. Esses aspectos acabam impactando nas desigualdades de oportunidades entre homens e mulheres nas oportunidades de emprego e no esporte.

Palavras-chave: Educação Física; Problematizações; Estudos de Gênero.

Abstract

This article aimed to problematize notes of Physical Education students, from a Higher Education Institution in the Alto Paranaíba-MG region, about gender and professional practice. The approach used was of a qualitative research, with a case study and the technique of focus groups. The results demonstrated that during the practice these questions come to the fore in the relationship between them, but that they were not addressed in their training processes. Gender is treated as if it were a biological dimension of bodies. This perpetuates a naturalistic idea the superiority of men over women, and the idea that physical strength is related to masculinity. Even though women who enter the Physical Education course are not “so women”. These aspects end up impacting the inequalities of opportunities between men and women employment opportunities and sports.

Keywords: Physical Education; Problematizations; Gender Studies.

Apontamentos de estudantes de Educação Física sobre gênero e prática profissional

1. Introdução

O presente artigo se insere no campo dos estudos de gênero e pretende contribuir para problematizações acerca das relações de gênero e prática profissional. Também se faz importante, pois articula discussões sobre o compromisso ético e político ao lidar com as diferenças nos espaços diferentes de atuações profissionais.

O objetivo foi problematizar apontamentos de estudantes de Educação Física, de uma instituição de ensino superior provada do Alto Paranaíba-MG, sobre a relação entre gênero e prática profissional. Intencionamos identificar como estudantes compreendem o conceito de gênero e como ele impactaria no processo de formação profissional para a atuação no mundo do trabalho, possibilitando pensar como as identidades e as diferenças são produzidas na visão de Licenciados(as) e Bacharéis em Educação Física. De maneira mais específica, colabora para identificar algumas construções culturais que, muitas vezes, geram desigualdades entre homens e mulheres.

Nesse contexto, problematizações sobre as relações de gênero na formação superior e sua articulação com a prática profissional dos sujeitos são fundamentais. Entendemos que o estudo é relevante e fundamental para o/a profissional da Educação Física ter compreensão das questões de gênero no contexto do mundo do trabalho e a diversidade dos sujeitos imersos nele.

Após esta breve introdução e explicitação dos objetivos, apresentam-se a fundamentação teórica, procedimentos metodológicos e resultados e discussão. Seguem-se as considerações finais e referências que nos auxiliaram durante a tecitura do trabalho.

2. Fundamentação teórica

A problematização do conceito de gênero nos remete a pensar na condição da vida de mulheres, mas também na própria produção de masculinidades (SCOTT, 1995; PRADO, 2014). Também permite questionar processos de produção de expressões de gênero e de sexualidade que subvertem binarismos como homem e mulher, masculino e feminino, heterossexual e homossexual (BUTLER, 2003). O debate precisa ser tratado para ir além dos regimes normativos e dicotômicos, no esforço de possibilitar aos sujeitos o direito de reinventar suas masculinidades, feminilidades e transgeneridades, na tentativa de transgredir e trazer tensão aos modelos vigentes, em muito, instituídos na área da Educação Física e Esportes.

Para Butler (2003) gênero é considerado como uma estilização performatizada do corpo a partir de um conjunto de repetições de gestos ou de atos da esfera social, que produz diferentes significados nas relações de poder. É importante perceber que na Educação Física o conceito se faz importante, pois possibilita uma ampliação da compreensão do processo de atribuição de gênero nas manifestações culturais que se materializam nos jogos/brincadeiras, ginásticas, esportes, lutas e atividades rítmicas, considerando-as como “femininas” ou “masculinas”.

Por outro lado, César (2009) Louro (1997) afirmam que educação, gênero e sexualidade têm “berço” na escola onde a atuação é complexa e emergencial. Tais teóricos, alinhados ao aparato epistemológico da proposta de nosso estudo, destacam a importância de se construir e reconstruir novos significados sobre gênero e sexualidade, do ponto de vista histórico, político e cultural (e não mais, apenas, biológico) e enfatizam a importância de se investigar tais questões nas pesquisas da área da Educação.

Percebe-se que o mundo atual exige um novo olhar na forma de interpretação dessas expressões de vida e, conseqüentemente, ao comparar as demandas laborais da formação profissional no século XXI com as oferecidas no século passado, nos faz pensar na necessidade de ampliar as habilidades e saberes acadêmicos para atuar no mundo do trabalho. Frente a isso, as relações entre gênero, formação no ensino superior e prática profissional estão imbricadas.

As discussões sobre gênero carecem de perpassar a formação acadêmica e se estabelecerem como demanda aos e às profissionais de Educação Física, para atuação e prestações de serviços alinhados às políticas sociais, tais como as relacionadas ao lazer e esporte. Não se concebe mais uma prática profissional que negligencie os direitos humanos, que invisibilize as desigualdades e diferenças que interferem nas relações interpessoais.

Nesse contexto da relação entre gênero e profissão, Giddens (1996) denomina de “destraditionalizada” a sociedade na qual os “papéis sociais” impostos pela tradição, em relação às identidades masculinas e femininas, vêm, paulatinamente, se fragilizando num contínuo processo de reconstrução. Como se não bastasse, nesse processo de desconstrução, os diferentes espaços da esfera social sofrem significativas mudanças com o acesso dos diferentes modelos de masculinidades e inclusão da população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais e demais

Apontamentos de estudantes de Educação Física sobre gênero e prática profissional

expressões de gênero e de sexualidade não heterocentradas) e as mulheres, grupos que participam das dinâmicas sociais e se submetem às intervenções dos profissionais de educação física.

Todavia, no campo da Educação Física brasileira, é só a partir de 1980 que as pesquisas começaram a ganhar corpo no Brasil e debate sobre gênero veio à tona em forma de publicações. Essas pesquisas davam destaque as questões dos preconceitos, dos estereótipos, dos papéis sexuais e defendiam a coeducação de meninas e meninos durante as aulas nas escolas (LUZ JÚNIOR, 2003).

Segundo Correia, Deive, Costa, Lutz, Murad e Oliveira (2016) e Nicolino (2018) as discussões sobre gênero avançaram com timidez na matriz curricular dos cursos de formação em Educação Física. Destacam a produção, ainda em andamento, de pesquisas que envolvem a temática de gênero no currículo das IES que necessitam formar e preparar futuros e futuras profissionais para o mundo do trabalho.

Nessa esteira, torna-se imprescindível uma formação dos(das) profissionais da área da Educação Física articulada em três pilares: a) Uma robusta formação acadêmica; 2) Preparação profissional para lidar com a diversidade do mundo do trabalho e; 3) Habilidades e preparação pautada em conhecimentos e competências para tratar as questões de gênero.

A invisibilidade dessas questões na formação faz com que a Educação Física no Brasil, e os esportes carreguem como estigma o caráter biologizante dos corpos. E a carência de discussões sobre as questões das desigualdades de gênero durante o processo de formação inicial de profissionais produza injustiças, privilégios e preconceito (GOELLNER, 2005; 2007; 2013).

3. Procedimentos metodológicos

A abordagem qualitativa foi utilizada para nortear a investigação. Para Minayo (2001) a característica principal da pesquisa qualitativa centra-se na compreensão e na dinâmica das relações sociais e dos fenômenos fugindo de instrumentos de quantificação, ocupa-se em desvendar os universos das relações e significados dos valores, crenças e atitudes de grupos sociais.

O tipo de pesquisa eleito foi um Estudo de Caso que, de acordo com Freitas e Jabbour (2010), faz uma busca através de um esboço metodológico, da compreensão da estrutura de um fenômeno contemporâneo da sociedade na conjuntura de um mundo real, no qual o seu esclarecimento escapa do domínio que se anseia em explicar.

Convém ressaltar que o presente estudo buscou se fundamentar de forma teórica consistente, a partir das ideias de Antônio Joaquim Severino (2007, p. 126) para quem “só a teoria pode caracterizar como científicos os dados empíricos. Mas, em compensação, ela só gera ciência se estiver articulando dados empíricos”.

Para o presente estudo, estimava-se a participação dos 41 estudantes, de ambos os gêneros, regularmente matriculados nos dois cursos de Educação Física (Bacharelado e Licenciatura) existentes na instituição foco da investigação, e que se encontravam na faixa etária de 18 a 45 anos de idade. Todos e todas as estudantes foram convidadas via *e-mail* para participar, entretanto, apenas 22 retornaram o contato para responderem a um questionário com foco em identificar algumas características do grupo. Cabe ressaltar que cada participante assinou um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

O questionário foi elaborado pelo pesquisador e continha perguntas relacionadas a idade, gênero, autorrepresentação de cor, estado civil, configuração familiar, se possuía alguma deficiência, local da residência, se trabalhava, renda familiar e qual a participação do/a aluno/a na mesma; escolarização dos pais, se era bolsista, tipo de escola que frequentou durante a educação básica (pública ou privada).

Posteriormente, foram conduzidos dois grupos focais com dez alunos(as), constituído por 05 (cinco) alunos/as em cada um, que se reuniram em dois encontros, ambos de forma remota, devido a pandemia da Covid-19. Destacamos que dos 22 participantes que responderam ao questionário, apenas 10 alunos(as) se prontificaram a participar do grupo focal.

As falas dos alunos(as) foram gravadas e transcritas, respeitando a forma como foram produzidas. Assim, possíveis desvios de linguagem foram mantidos. Após as transcrições foram aqui utilizadas de acordo com os preceitos éticos de pesquisa com seres humanos, sendo os nomes das sujeitas e sujeitos suprimidos, utilizando-se as denominações de P1, P2... P10 para nomear os participantes dos dois grupos focais, sendo de P1 a P5 participantes do Grupo 1 e de P6 a P10 participantes do grupo 2.

Os dois grupos focais foram conduzidos, utilizando a ferramenta *Google Meet*. Para Tanaka e Melo (2001) o grupo focal é uma técnica de pesquisa qualitativa que tem seu funcionamento quando selecionamos pessoas com diferentes opiniões para discutir um problema a ser avaliado. A técnica buscou verificar os apontamentos de tais estudantes em

Apontamentos de estudantes de Educação Física sobre gênero e prática profissional

relação a: 1) o conceito de gênero; 2) a importância da discussão dessa temática na formação inicial; 3) interferência do gênero na atuação profissional.

A forma da análise de dados aplicada foi análise do discurso com viés foucaultiano (FOUCAULT, 1970).

A pesquisa somente foi realizada após a aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Uberlândia (UFU) sob parecer nº 3.905.589 e cumpriu as normas éticas relacionadas a pesquisa envolvendo seres humanos.

4. Resultados e discussão

O perfil dos alunos e das alunas é apresentado na tabela 01.

Tabela 1 – Perfil dos Alunos(as)

Variável	Categoria	%	
Gênero	Masculino	72,8	
	Feminino	27,2	
Cor	Branca	50,0	
	Negra	40,9	
	Amarelo	4,55	
	Não declarado	4,55	
Estado Civil	Casados	13,6	
	Solteiros	72,8	
	União estável	13,6	
Renda mensal	De 1 a 3 salários-mínimos	95,5	
	De 3 a 6 salários-mínimos	4,5	
Financiamento estudantil	Sim	68,2	
	Não	31,8	
Financiamento estudantil	FIES	57,1	
	Parcelamento	Estudantil	42,9
	Privado		

Fonte: Autoria própria, maio 2021

Destacamos que a maioria dos e das estudantes participantes assumiram a expressão de gênero feminino (72,7%), que a maior parte dos alunos(as) se autorrepresentaram de cor branca (50%), sendo que a maioria eram solteiros(as) (72,8%), com renda mensal de 1 a 3 salários (95.5%), não possuíam financiamento estudantil (68,2%). Dos que estudavam com apoio de financiamento, grande parte era beneficiada pelo FIES (57,1%).

As análises das entrevistas geradas pelos grupos focais foram organizadas a partir de três eixos problematizadores definidos *a priori*, e se relacionam aos objetivos específicos

deste estudo. No eixo 1, foram contemplados trechos de narrativas acerca da compreensão de gênero das/dos estudantes. Já, no eixo 2, consideramos trechos de narrativas das/dos estudantes sobre como percebiam se essas discussões foram ou não abordadas em sua formação. No eixo 3 destacamos relatos de falas das/dos estudantes que apontam a visão que possuíam sobre a relação entre discutir gênero e suas atuações futuras no mundo do trabalho.

4.1 Compreensões das/dos estudantes a respeito do conceito de gênero

O primeiro eixo problematizador possibilitou investigar a noção dos/as estudantes sobre o conceito de gênero. Verificou-se que alguns/algumas não apresentaram uma compreensão clara. Já outros/as, apresentaram o conceito de gênero, relacionado com a categoria sexo.

O eixo aqui destacado foi subdividido em dois temas, recorrentes nos trechos das entrevistas: 1) Generalizações em torno do conceito de gênero; 2) compreensões do conceito de gênero como significado de diferenças entre sexos ou, de forma genérica, entre meninos e meninas.

4.1.1 Generalizações em torno do conceito de gênero

Para algumas e alguns estudantes participantes do Grupo Focal, o conceito de gênero foi apresentado de forma generalizada, diferente do preconizado pela perspectiva de tais estudos (LUZ JÚNIOR 2003; DEVIDE, 2005).

Olha, na minha forma de pensar, o termo gênero seria pessoas, cidadãos, e igual, a gente tá estudando pra formar cidadãos, formar gêneros, formar cabeças diferentes, mas que buscam um objetivo enfim. (P1, 2020).

Então, a questão do gênero complementando o que o P1 falou, acho que é assim a questão mais de características assim, diferentes vamos falar assim, distintas né. Cada um possui uma característica diferente, uma qualidade mais superior ou inferior ao outro companheiro [...] (P2, 2020).

No que se refere à literatura sobre o assunto, se representa o termo gênero como o conjunto de atos performativos, produzidos por práticas discursivas que instituem efeitos de verdade sobre a ideia de “corpo”, fabricando-o como masculino ou feminino (BUTLER, 2003).

Outras pesquisas demonstram que estudantes participantes também apresentaram dificuldades em definir o termo porque essa temática não é debatida no currículo. Ou seja, não é ensinada nem problematizada, fazendo com que ao conceituar gênero não apresentem

Apontamentos de estudantes de Educação Física sobre gênero e prática profissional

significados plausíveis, generalizando o termo (CORREIA; DEVIDE; COSTA; LUTZ; MURAD; OLIVEIRA, 2016; NICOLINO, 2018; WENETZ; SCHWENGBER; DORNELES, 2017).

Todavia, mesmo dentro desta perspectiva generalizada do conceito, nota-se que algumas/alguns estudantes apontaram aspectos importantes para se pensar as questões de gênero.

[...] pra formar cidadãos [...] (P1, 2020).

[...] superior ou inferior ao outro companheiro [...] (P2, 2020).

É importante salientar que mesmo generalizando e afastando-se do conceito, as/os estudantes trouxeram apontamentos importantes para serem analisados. Esse fato é perceptível quando um dos participantes (P1, 2020), se referiu ao conceito de gênero como formação cidadã e o participante 2 (P2, 2020), indicou que há uma hierarquização entre pessoas e isso seria gênero, um seria “superior” e o outro “inferior”.

Quando os participantes P1 (P1, 2020) e P2 (P2, 2020) se referiram a gênero com a formação cidadã e hierarquização entre pessoas, apontam que, historicamente, identificam certa hierarquia entre homens, como cidadãos de destaque, e posição de inferioridade às mulheres, fato muito discutido em alguns estudos no campo de gênero, de inclinação marxista, sobre o patriarcado.

Segundo Cunha (2014), o sistema patriarcal resume-se na hierarquização e dominação do homem na família, representado como autoridade máxima e *status* pleno. Godelier (1996) ao conceituar patriarcado, argumenta que ele legitima conceitos da Antropologia, acolhendo a hipótese de que na maioria das sociedades, mesmo as baseadas em princípios igualitários, se vive uma hierarquia de poderes na qual aos homens pertencem todas as decisões.

Com relação aos preconceitos legitimados na comunidade escolar, as falas das/dos participantes P1 e P5 suscitam a pensar nos tabus naturalizados sobre gênero:

É, sei lá, tem as partes né, eu fiquei assim, gente se eu falar, esse trem vai dar ruim, mas pra mim primeira coisa que vem na cabeça é essa. (P5, 2020).

Uai, vai dar ruim por quê? (P1, 2020).

A sei lá, tipo assim, não é todo mundo que tem, vamos supor, a mesma criação, pra mim é isso, o inicial, generalizado. (P5, 2020).

Surge, nesse contexto, a reflexão: Por que falar sobre gênero seria ruim? O que os(as) dois participantes citados anteriormente sinalizaram com essa fala?

Muitas vezes esses tabus, considerados nas falas dos/das estudantes como ruins, podem estar relacionados ao contexto em que vivemos, no qual a maioria das tentativas de

discussão sobre gênero são criminalizadas por algumas políticas de estado, tais como o projeto “Escola sem Partido”. Como, por exemplo, a ideia de gênero ser ideologia, ou de que gênero seria “transformar” meninos e meninas em homossexuais e lésbicas. Tudo isso sem respaldo da ciência.

Nesse sentido, quando se pensa nas práticas tanto inicial de professores, quanto a de profissionais já atuantes com mais experiência, muitos assuntos considerados como “ruins” por parte das/dos estudantes, acabam não sendo ditos e nem discutidos durante o processo educacional. E quando algumas práticas pedagógicas são, às vezes, objeto de silêncio, não são faladas ou problematizadas, as pessoas não aprendem e se não aprendem, continuam, por vezes, a reproduzir diferenças, hierarquias assimetrias e violências, naturalizando essas relações.

Nesse sentido, a pesquisa de Prado (2017) dialoga com as argumentações da nossa investigação, enfatizando que se os educadores(as) utilizarem o silêncio em suas práticas pedagógicas, ou omitirem a verbalização e o direito da fala aos sujeitos - o não dito - sobre multiplicidade cultural e gênero nas diferenças de seus corpos, poderão contribuir para que não haja diálogo entre os pares ou para que não se escute as pessoas.

Ainda, segundo o mesmo autor, o não dito é o considerado “ruim”, “errado”, “feio” que não deveria ganhar enunciação nas falas das pessoas. Acrescenta ainda que o silenciamento sobre um assunto é uma estratégia para deixar transparecer que aquilo não existe está condenado a invisibilidade (PRADO, 2017).

4.1.2 Compreensões do conceito de gênero como significado de diferenças entre sexos ou, de forma genérica, entre meninos e meninas

Sobre a segunda temática emergente no eixo 1 durante a participação nos grupos focais, as narrativas apresentaram a compreensão do conceito de gênero como significado de diferenças entre sexos ou, de forma genérica, entre meninos e meninas. Muitas falas aproximaram o conceito de gênero com algumas diferenças entre meninas e meninos, embora não especificassem quais seriam essas diferenças e se elas seriam culturalmente construídas ou biologicamente determinadas.

[...] características que os meninos falaram né, vou levar mais pro lado tipo masculino e feminino [...] (P4, 2020).

Apontamentos de estudantes de Educação Física sobre gênero e prática profissional

[...] masculino e feminino e não a distinção de característica igual eles falaram. Assim, a primeira coisa que veio pra mim né. (P4, 2020).

Pra mim também [fala o nome do pesquisador], eu primeira coisa que pensei foi feminino e masculino. (P3, 2020).

É o gênero resumidamente é isso, é homem e mulher. (P4, 2020).

Diretamente é sexo feminino e sexo masculino [...] (P4, 2020).

Gênero... feminino, masculino? (P6, 2020).

A partir das falas das/dos alunas(os), verifica-se que alguns e algumas graduandas narraram que gênero está relacionado à diferença entre meninos e meninas: “É o gênero resumidamente é isso, é homem e mulher.” (P4, 2020), mas não explicam o porquê. Outros aproximaram o conceito de gênero com o conceito de sexo, falando que se trataria de homem e mulher, é “sexo” feminino e masculino: “Diretamente é sexo feminino e sexo masculino...” (P4, 2020). Todavia, não fica claro como os/as graduandos/das entendem essas diferenças, se seria pela dimensão biológica ou sociocultural.

Outras narrativas apontaram a ideia de gênero como sinônimo de sexo, ou seja, consideraram o conceito a partir da matriz biológica. Todavia, tal constatação parecer ser ponto importante porque as/os estudantes identificam que há um processo de diferenciação entre o que é proposto para menina e o que é proposto para menino, mesmo sem adentrar as especificidades dos estudos do campo de gênero.

De acordo com Louro (1997) para se conceituar gênero não podemos pensá-lo numa forma de construção identitária sexual de masculino e feminino. Ainda, segundo a autora, há de se levar em conta os aspectos sociais e culturais que vão se transformando e resignificando as identidades, que nunca são dadas como acabadas.

Nas falas também surgiram alguns pontos que chamaram a atenção e merecem ser destacados. Um desses aspectos é a questão da compreensão do conceito pela dimensão de diferenças de gênero entre meninas e meninos, relacionadas ao lado pedagógico.

[...] mas pra mim é definido como masculino e feminino né, dentro da escola. (P8, 2020).

Eu também acho que é feminino e masculino, e basta a gente respeitar né. (P10, 2020).

Em relação aos discursos dos sujeitos, P8 e P10 do Grupo 2, percebemos que o sujeito P8 pensa o tema gênero na perspectiva pedagógica dentro da escola: “[...] mas pra mim é definido como masculino e feminino né, dentro da escola.” (P8, 2020). Isso também fica

demonstrado no discurso do sujeito P10, enfatizando que eles devem ter obediência, ao declarar: “*Basta a gente respeitar.*” (P10, 2020).

As narrativas parecem indicar que problematizar questões de gênero se refere, predominantemente, a questões escolares. Embora seja sabido que a escola, na perspectiva de gênero e sexualidade, ensina o que pode e o que não pode se fazer e, nesse espaço, aprende-se a falar, a ouvir e também calar (LOURO, 1997), as relações de gênero transpassam todos os espaços de socialização. Ou seja, não são “apenas” questões pedagógicas escolares!

Discute-se gênero no lazer, nas academias de ginástica, nos tatames, nas quadras esportivas, nos campos de futebol. De certa forma, limitar as discussões de gênero à escola nos leva a indicar certa lacuna nos estudos de gênero no campo da Educação Física fora de sua vertente escolar. Essa dificuldade fica evidenciada quando, em algumas bases de dados de acesso livre (SciELO, LILACS, CAPES), buscamos estudos que discutam gênero na Educação Física e Esportes, para além dos muros das escolas.

4.2 O conceito de gênero durante a formação inicial em Educação Física

Notamos na investigação que *quando discussões de gênero apareceram da formação inicial, as/os alunas/os destacam que foram em momentos aleatórios e em algumas disciplinas, de forma isolada.*

Na minha sala, a gente debateu e discutiu isso muito na matéria de ética, que é onde que engloba muito essa parte né, gera muito essa discussão de como que você vai atuar, como você vai tratar as pessoas. (P4, 2020).

[falamos sobre esse assunto em] Educação Física Adaptada. (P1, 2020).

Na Psicologia do esporte, o professor falou “gente vamos conversar aqui sobre os papéis masculino e feminino, nos esportes, na academia [...]”. (P7, 2020).

Mas a gente percebeu isso quando a gente tava jogando, quando a gente tava tendo aula de futsal. (P9, 2020).

Pelas falas das/dos colaboradoras/es, notamos que algumas discussões sobre gênero apareceram durante o processo de formação, mesmo sem nomear o conceito. Foram mencionados relatos em conteúdos dos componentes curriculares Ética, Educação Física Adaptada, Psicologia do Esporte e Futsal.

O Participante P4 apresentou uma preocupação sobre as discussões de gênero, dando destaque de como a forma de atuar e tratar as pessoas fez parte das discussões em sala de aula: “... *essa discussão de como que você vai atuar, como você vai tratar as pessoas*”. (P4, 2020).

Apontamentos de estudantes de Educação Física sobre gênero e prática profissional

Já a participante P9 (P9, 2020), destacou que os “papeis” do masculino e feminino foram debatidos na disciplina Psicologia do Esporte com o professor da disciplina. No componente, deu-se destaque a aspectos que compreendem a atuação nos esportes e na academia. O mesmo participante (P9, 2020) também reconheceu que na disciplina Futsal percebeu essas discussões.

Os e as estudantes revelam que, mesmo não se tratando de conteúdo curricular específico, discussões sobre gênero e prática profissional aconteceram em algumas disciplinas e que as/os graduada/os perceberam a sua importância, mesmo sem a contemplação de uma disciplina específica sobre gênero no currículo. O que é corroborado pelo participante P3, “*Não teve disciplina específica para o tema não.*” (P3, 2020). A Participante P3 argumenta que não visualizou no currículo nenhuma disciplina em seu curso que contemplasse os estudos de gênero na sua formação inicial em Educação Física.

A pesquisa de Vasconcelos e Ferreira (2020), realizada com 12 licenciandos em Educação Física, corrobora com os dados de nosso estudo. As autoras procuraram perceber, através de entrevistas semiestruturadas, como o tema gênero e sexualidade foram desenvolvidos nas suas formações iniciais. Os resultados evidenciaram que os entrevistados não tinham lembranças significativas das discussões durante todo percurso da formação, a não ser em algumas disciplinas, de forma isolada. E que nos momentos que aconteceram tiveram abordagem apenas pela biologia dos corpos.

Quando trazemos para a análise a fala do participante P1, vislumbramos que ele parece reconhecer que é preciso discutir a temática de gênero durante a formação.

[...] levando um assunto tão interessante assim pra discutir, creio que pra formação nossa, ou em geral, seja qualquer tipo de profissional, seja na área de educação física, administração, contábeis, deveriam abrir mais grupos de discussões assim [referindo-se ao grupo focal], até pra abrir ne mais a mente da gente como cidadão e formar profissionais melhores, mais qualificados [...] (P1, 2020).

O participante 1 do Grupo Focal 1, atribuiu a discussão da temática como fundamental para a qualificação de qualquer profissão, principalmente em Educação Física: “... levando um assunto tão interessante assim pra discutir, creio que pra formação nossa, ou em geral, seja qualquer tipo de profissional, seja na área de educação física administração, contábeis” (P1, 2020). *Atribuiu importância a essa discussão nos grupos focais, dizendo que é importante que se tenha mais momentos de discussão durante a formação no sentido de capacitar melhor os e as*

profissionais: “Deveriam abrir mais grupos de discussões assim, até pra abrir né mais a mente da gente como cidadão e formar profissionais melhores, mais qualificados.” (P1, 2020).

Segundo Prado (2010), apesar da garantia da legislação dar o direito à discussão de gênero e sexualidade na formação inicial de professores de Educação Física, como preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação na área, esse debate ainda gera incômodos e desconfortos. Esses debates incomodam porque vão na contramão de certa trama de alguns discursos médicos, religiosos, jurídicos que investem no controle dos corpos em favor de uma matriz heterossexual como única e verdadeira (PRADO, 2017).

Para Brito (2018, 2019) é de fundamental importância problematizar esses discursos sobre gênero que invadem diferentes espaços sociais que, sorrateiramente, vão se tornando verdades. Tais discursos heteronormativos e naturalizantes sobre gênero invadem também o espaço formativo de profissionais da Educação Física, impactando na formação.

4.3 Contribuições das discussões sobre gênero para a futura atuação como profissionais de Educação Física

Percebemos nas falas dos/as alunos/as participantes dos dois grupos focais uma forma unânime de reconhecer a importância de debates sobre gênero durante a formação. Todavia, a maioria das e dos participantes, embora sinalizem a importância da discussão voltada a quebra de preconceitos, demonstraram certa dificuldade na forma de se expressar, discutir e reconhecer a importância dos aspectos sociais e plurais na construção das diferentes expressões de gênero. Esse fato traz um alerta importante, pois se os participantes têm dificuldade em tratar do tema em suas discussões, também é possível que a terão em sua prática nas escolas e no mundo do trabalho.

A discussão sobre gênero é sempre bem-vinda é sempre importante, porque quebra um pouco desses preconceitos, dessas barreiras e quanto mais discute em relação a gênero, maior a tendência de igualar né, no caso do mercado de trabalho, acabar com essa discriminação e tal, preconceito. (P8, 2020).

De acordo com a fala do referido participante, as discussões sobre gênero na formação profissional agregam em questionamentos sobre quebra de preconceitos “... porque quebra um pouco desses preconceitos, dessas barreiras.” (P8, 2020). Salientou também que o exercício constante das discussões pode romper com práticas de naturalização criadas socialmente sobre gênero “...quanto mais discute em relação a gênero, maior a tendência de igualar.” (P8, 2020). Quando fala em “igualar” parece que remete sua narrativa para pensarmos sobre os

Apontamentos de estudantes de Educação Física sobre gênero e prática profissional

marcadores sociais que consolidam desigualdades entre os gêneros, quando o trato é a inserção profissional no mundo do trabalho: “... maior a tendência de igualar né, no caso do mercado de trabalho, acabar com essa discriminação e tal, preconceito.” (P8, 2020). Com relação ao trato dessas diferenças, Goellner (2016) salienta que o equilíbrio de oportunidades é fundamental para equidade de gênero na Educação Física, para a atuação no mundo do trabalho, e que essas discussões precisam chegar às universidades.

Os(as) participantes P7 (P7, 2020) e P1 destacaram em suas falas, a importância da problematização do tema para a qualificação profissional e inserção no mundo do trabalho. Conforme o participante 7 (P7, 2020)

(...) porque assim, a gente vive em um mundo, que existem muitas mudanças né, todo dia a gente tá em transformação assim né, então talvez assim, a gente fazer igual a gente tá fazendo essa videoconferência aqui [referindo-se ao Grupo Focal], tendo essa roda de conversa, talvez um ponto de vista meu que seja mais do ponto de vista pro lado do conservador, eu escutando a opinião de outros profissionais da área, de outros alunos, pode fazer com que eu mude de ideia, e acabe mudando meu ponto de vista né, pra um lado positivo. (P7, 2020).

O apontamento do(a) participante parece oportunizar que é suscetível mudar de opinião quando determinado tema ganha ênfase em um debate: “Eu escutando a opinião de outros profissionais da área, de outros alunos, pode fazer com que eu mude de ideia, e acabe mudando meu ponto de vista né, pra um lado positivo.” (P7, 2020). Em vista disso, recorreremos a Goellner (2016) que chama a atenção sobre a necessidade que se problematize os rótulos que estigmatizam, aprisionam e imobilizam os sujeitos cerceando-os do seu direito de ampliar seu senso crítico de colocar em xeque os discursos naturalistas da cultura corporal e esportiva.

Quando as discussões das/dos estudantes avançam para as relações de gênero que se relacionam ao trato das diferenças entre homens e mulheres no exercício profissional, os e as participantes falaram da forma como percebem a discriminação contra as mulheres.

[...] ter treinadora feminina, mas é uma coisa assim que raramente a gente vai ver, pelo menos enquanto tiver esse pensamento muito limitado né, dificilmente você vai ver uma pessoa, um treinador, prá treinar, uma treinadora mulher num time masculino né, [...] (P7, 2020).

Na minha opinião eu acho também que tem uma grande discriminação, hoje em dia até menos, eu acho que antigamente era mais ainda, mas ainda tem, seja em escola, academia, até em então na academia tem pessoa, vamos supor, um homem não tem a confiança de ter uma personal mulher e ele vai mais pro lado do homem, principalmente se for um homem forte tal, com físico forte, então eu acho assim, que tanto na academia quanto na escola, em relação aos esportes, tem uma discriminação sim. (P6, 2020).

A fala de P7, transcrita anteriormente, parece reconhecer desigualdades no acolhimento de homens e mulheres para trabalhar com o esporte: *“dificilmente você vai ver uma pessoa, um treinador, prá treinar, uma treinadora mulher num time masculino né”* (P7, 2020). O participante 6 destacou que ainda existem discriminações na escola, na academia e nos esportes no momento da escolha profissional como prestador de serviço: *“...vai mais pro lado do homem, principalmente se for um homem forte tal, com físico forte, então eu acho assim, que tanto na academia quanto na escola, em relação aos esportes, tem uma discriminação sim.”* (P6, 2020).

Nesse sentido, recorremos a Goellner (2016) para pensar a atuação das mulheres no mundo esportivo na perspectiva de gênero e vislumbramos que a inserção das mulheres no esporte só aconteceu ao final do século XIX. A justificativa para tardia inserção se refere a ideia da virilidade das práticas desportivas. Pierre de Coubertin, considerado como idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, posicionou-se contrário a participação das mulheres.

Quando o participante 6 (P6, 2020) fala do lado “forte”, “ másculo” dos homens para ser escolhido como tendo os requisitos considerados como “ideais” para ser um profissional, parece demonstrar que o trabalho de força de hipertrofia nos espaços fitness ainda é considerado como característica do trabalho masculino. Então, de certa forma, o homem seria mais indicado para realizar e conduzir esse tipo de treinamento. Posto isso, torna-se necessário refletir sobre a ausência de pesquisas que tencionem as relações de empoderamento de gênero fora e dentro das arenas do esporte e academias. A omissão desse debate na formação de professores(as) tanto na Licenciatura como no Bacharelado da Educação Física tornam normais os tratamentos diferenciados para homens e mulheres alimentando-os e perpetuando-os a seguir incólumes e injustos nos espaços esportivos. (NICOLINO, 2018).

5. Considerações finais

Ao chegar nos momentos finais da tecitura deste artigo, acredita-se que os achados possam contribuir para o aprofundamento dos estudos e debates sobre gênero, direitos humanos e ética. Tal fato, poderia impactar na ampliação de problematizações de estudantes de educação física sobre gênero e prática profissional.

No que se refere aos grupos focais, as/os participantes não apresentaram um conceito bem definido sobre gênero. Percebemos pelas suas falas que generalizam o termo, e não

Apontamentos de estudantes de Educação Física sobre gênero e prática profissional

definem esse conceito como preconizado pela literatura da área. Essa dificuldade, como podemos perceber pelos seus relatos, aconteceram, a priori, porque o conceito de gênero não foi problematizado nem discutido no currículo na sua formação inicial de maneira aprofundada, como conteúdo específico das aulas. Segundo depoimentos das/dos alunas/os, algumas discussões aconteceram de forma superficial, em algumas disciplinas, sem nomear gênero. Mesmo assim, as/os graduandos/as apresentaram apontamentos sobre a importância do debate e demonstraram estarem sensíveis a relevância dessas discussões para suas futuras atuações no mundo do trabalho.

Percebe-se que os estudantes ainda vinculam o conceito de gênero a questões biológicas. Nesse sentido cabe problematização, pois conforme Louro (1997) e Butler (2003) o conceito de gênero é uma produção sociocultural, e nada tem a ver com a questão biológica dos corpos. Jesus e Deive (2006) destacam ser importante problematizar as construções socioculturais e a diversidade de gênero nos espaços da escola, e no esporte, nos quais transitam homens, mulheres, expressões transgêneros e não binárias.

Os/as alunos(as) demonstraram que durante a prática essas questões vêm à tona na relação entre eles/as, mas que não foram abordadas em seus processos formativos. Infere-se que por falta desse debate, gênero é tratado como se fosse uma dimensão biológica dos corpos. Isso perpetua uma ideia naturalista sobre o gênero, da superioridade do homem em relação a mulher e da ideia de que a força física está relacionada a masculinidade. Ainda que mulheres que ingressam no curso de Educação Física não “são tão mulheres”. Esses aspectos acabam impactando nas desigualdades de oportunidades entre homens e mulheres na Educação Física, nas oportunidades de emprego e no esporte.

Defende-se que é importante inserir essas discussões de forma explícita na formação inicial em Educação Física porque poderiam contribuir para que as(os) alunas(os) ampliassem a sua compreensão sobre o conceito e seus impactos no processo de formação dos sujeitos. Sugerimos que a partir disso, quando da intervenção futura, seja possível planejar práticas que contribuam para a promoção da equidade de gênero, para a oferta das mesmas possibilidades de experiências para meninos e meninas e para o enfrentamento do preconceito contra pessoas que produzem expressões de gênero fora da norma binária, dentro e fora do contexto escolar.

Isso se faz importante, pois, a inserção no mundo trabalho atualmente, é repleta de reivindicações de movimentos sociais como, por exemplo, os movimentos feministas e o

LGBTQIA+, que requerem, cada vez mais, representatividade e direitos, inclusive de tornarem-se profissionais da área da Educação Física. Sendo assim, a discussão sobre gênero e prática profissional faz-se importante na formação inicial em Educação Física, sejam na habilitação de bacharelado ou licenciatura.

Os dados aqui sinalizados apontam para a necessidade de se discutir gênero também para além dos muros das escolas, ou seja, fora do contexto escolar, na formação inicial das/dos profissionais de Educação Física. Considera-se que se faz necessário o desenvolvimento de mais pesquisas sobre gênero nos esportes, nas academias de ginástica, nas quadras e outros espaços de atuação profissional de Licenciados e Bacharéis em Educação Física. Ainda, que, no campo de conhecimento da Educação Física, é preciso visibilizar estudos sobre gênero que interseccionem o conceito com outros marcadores sociais de diferenças, tais como “raça” /etnia e deficiência.

Defende-se que a formação em Educação Física precisa ser repensada, pois os resultados desta pesquisa evidenciam certa carência de discussões sobre gênero no processo de formação inicial de profissionais da área. A temática gênero não pode continuar a sombra da formação em Educação Física, induzindo as/os estudantes a identificarem os corpos apenas pela perspectiva biologizante. Ao contrário, o conceito poderia transpassar o rol das discussões na formação inicial e permanente das/das profissionais de Educação Física para que percebam as desigualdades que podem ser produzidas nos corpos a partir dos binarismos de gênero.

Referências

BRITO, Leandro Teófilo. **Enunciações de masculinidade em narrativas de jovens atletas de voleibol**: leituras em horizonte queer. 2018. 228f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:

<https://www.academia.edu/37183365/TESE_Enuncia%C3%A7%C3%B5es_de_masculinidade_e_m_narrativas_de_jovens_atletas_de_voleibol_leituras_em_horizonte_queer>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BRITO, Leandro Teófilo. Performances dissidentes no espaço do voleibol: masculinidades queer? In: PEREIRA, E. G. B.; SILVA, A. C. (org.). **Educação Física, Esporte e Queer**: sexualidades em movimento. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2019. p. 83-103.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Disponível em:

<<https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2017/04/butler-problemasdegenero-ocr.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

Apontamentos de estudantes de Educação Física sobre gênero e prática profissional

CÉSAR, M. R. A. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. **Educar**, Curitiba, [s. v.], n. 35, p. 37-51, 2009.

CORREIA, Marcos Miranda; DEVIDE, Fabiano Pries; TELLES, Silvio de Cássio Costa; LUTZ, Thulyo; MURAD Mauricio; OLIVEIRA Gabriela Aragão Souza de. O discurso da licenciatura em educação física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. **SALUSVITA**, Bauru, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2016. Disponível em: <https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/salusvita/salusvita_v35_n1_2016_art_05.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

CUNHA, Bárbara Madruga. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado**: perspectivas de combate à violência de gênero. Jornada de Iniciação Científica de Direito da UFPR XVI, Curitiba, 2014. Disponível em: <<http://www.direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%C3%A1rbara-Cunha-classificado-em-7%C2%BA-lugar.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2020.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Unijuí, 2005.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1970.

FREITAS, Wesley Ricardo de Souza; JABBOUR, Charbel José Chiappetta. **O estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa**: fundamentos, roteiro de aplicação e pressupostos de excelência. In: Encontro Nacional de Engenharia De Produção, XXX., São Carlos, Brasil, 12 a 15 de outubro de 2010. p. 1-14. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2010_tn_sto_122_790_15342.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2022.

GIDDENS, Anthony. **Para além da esquerda e da direita**. Tradução de A. Hattner. São Paulo: UNESP, 1996.

GODELIER, Maurice. **La production des Grands Hommes**. Paris: Fayard, 1982. [réédition en 1996.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

_____. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, p. 171-196, 2007.

_____. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 29-38, jan/mar. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/118235>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

_____. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

JESUS, Mauro Louzada; DEVIDE, Fabiano Pries. Educação física escolar, coeducação e gênero: mapeando representações de discentes. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 03, p. 123-140, set./dez. 2006. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2912>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUZ JÚNIOR, Agripino Alves. **Educação Física e Gênero: olhares em cena.** São Luís: Imprensa UFMA/CORSUP, 2003.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

NICOLINO, Aline. Gênero nos currículos da formação docente em Educação Física no Brasil. In: PARAÍSO, Marluce Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. (orgs.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades.** Belo Horizonte: Mazza, 2018. p. 73-92.

PRADO, Vagner Matias. Entre queerpos e discursos: normalização de condutas, homossexualidades e homofobia nas práticas escolares da Educação Física. **Práxis educativa (UEPG)**, v. 12, n. 12, p. 501-519, 2017. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8809>>. Acesso em: 28 jan. 2020

_____. **Entre ditos e não ditos: a marcação social de diferenças de gênero e sexualidade por intermédio de práticas escolares da Educação Física.** 2014. 258f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia/ Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014.

_____. **Sexualidade(s) em cena: as contribuições do discurso audiovisual para a problematização das diferenças no espaço escolar.** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/92261>. acesso em: 25 nov. 2020.

P1. **Entrevista.** Alto Paranaíba (Minas Gerais), 17 jul. 2020.

P2. **Entrevista.** Alto Paranaíba (Minas Gerais), 17 jul. 2020.

P3. **Entrevista.** Alto Paranaíba (Minas Gerais), 17 jul. 2020.

P4. **Entrevista.** Alto Paranaíba (Minas Gerais), 17 jul. 2020.

P5. **Entrevista.** Alto Paranaíba (Minas Gerais), 17 jul. 2020.

P6. **Entrevista.** Alto Paranaíba (Minas Gerais), 20 jul. 2020.

P7. **Entrevista.** Alto Paranaíba (Minas Gerais), 20 jul. 2020.

P8. **Entrevista.** Alto Paranaíba (Minas Gerais), 20 jul. 2020.

P9. **Entrevista.** Alto Paranaíba (Minas Gerais), 20 jul. 2020.

P10. **Entrevista.** Alto Paranaíba (Minas Gerais), 20 jul. 2020.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-99, jul./dez., 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 28 out. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TANAKA, Osvaldo Yosimij; MELO, Cristina. **Avaliação de Programas de Saúde do Adolescente: um modo de fazer.** São Paulo: EDUSP, 2001.

VASCONCELOS, Camila Midori Takemoto; FERREIRA, Lílian Aparecida. A Formação de

Apontamentos de estudantes de Educação Física sobre gênero e prática profissional

professores de Educação Física: reflexões sobre gênero. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte, v. 36, n. esp. p. 1-17, mai. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/edur/v36/1982-6621-edur-36-e209700.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione; DORNELLES, Priscila Gomes. A(s) sexualidade(s) em pauta. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. (orgs.). **Educação Física e sexualidade: desafios educacionais**. Ijuí: Unijuí, 2017. p. 9-21.

Sobre os autores

Célio Rosa Peres

Mestre do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Graduado em Educação Física pela Universidade de Uberaba (Uniube). Professor de Educação Básica vinculado à Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais e professor no Curso de Graduação em Educação Física da Faculdade Cidade de Coromandel (FCC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0912-1039> E-mail: celiorosaperes@yahoo.com.br

Vagner Matias do Prado

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Coordenador do GPESP - Grupo de Pesquisa Educação, Sexualidades e Performatividade (CNPq). Doutor e mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8662-2833> E-mail: vagner.prado@ufu.br

Recebido em: 05/09/2022

Aceito para publicação em: 10/10/2022